

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

EDIMILSON KAXANAPIO TAPIRAPÉ

A FUNÇÃO DO CACIQUE *APYÃWA* COM SUA COMUNIDADE

**Barra do Bugres
2016**

EDIMILSON KAXANAPIO TAPIRAPÉ

A FUNÇÃO DO CACIQUE *APYÁWA* COM SUA COMUNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbours, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T172f TAPIRAPÉ, Edimilson Kaxanapio.

A função do Cacique *Apyãwa* com sua comunidade / Edimilson Kaxanapio Tapirapé. – Barra do Bugres, 2016. 38 f. ; 30 cm. (ilustrações)
Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

1. Povo Tapirapé. 2. Função do Cacique. 3. *Apyãwa*. 4. Pajé. I. Quintino, W. P., Dr. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

EDIMILSON KAXANAPIO TAPIRAPÉ

A FUNÇÃO DO CACIQUE APYÁWA COM SUA COMUNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 04 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Orientador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Avaliadora

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, exclusivamente, para meu povo *Apyãwa* (Tapirapé), para que o conhecimento tradicional sobre o trabalho do cacique *Apyãwa* seja fortalecido, valorizado e respeitado diariamente, como na vida passada e para a vida atual.

Dedico, também, aos jovens estudantes e acadêmicos *Apyãwa* para conhecerem o meu trabalho, que o mesmo será utilizado como mais uma ferramenta de pesquisa acadêmica.

Dedico este trabalho, especialmente, para os meus familiares, inclusive aos meus filhos que serão os meus futuros guerreiros, pois também lutarão pelos nossos direitos, buscando o bem do povo *Apyãwa*.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha comunidade e a todos os professores da Escola Estadual Indígena *Tapi'itãwa*, em especial, àqueles que foram solidários durante o desenvolvimento do trabalho no Ensino Médio e no Magistério, por acreditar na minha pessoa e muito especialmente;

Aos professores *Apyãwa*, este povo alegre, gentil e guerreiro, que nunca se enfraquece, mesmo quando parece tudo perdido; pela experiência ímpar de me receber sem nenhum problema no seu trabalho ou na sua própria residência quando era necessário; pela generosidade com a qual me ensinaram a sua experiência profissional como o verdadeiro professor.

Às *Irmãzinhas de Jesus*, por ter demonstrado a sua experiência, a sua vontade e anseios de trabalhar na área de saúde e na recuperação do nosso povo *Apyãwa*. Sem essa missão, o povo *Apyãwa* há muito tempo atrás seria extinto; graças a elas, atualmente, o número da natalidade é sempre maior a cada ano e essa missão se tornou a realidade do nosso povo.

Não deixo de agradecer, também, a Luiz Gouvêa de Paula, conhecido pelo nome indígena como *Tenywaawa* e sua esposa, Eunice Dias de Paula, chamada como *Kato'ywa*, pela sua batalha na melhoria da educação e do ensino na aldeia *Apyãwa*.

Muito especialmente, para meu pai, Luiz Carlos *Kaorekato'i* Tapirapé, e minha mãe Maria *Mareapa* Tapirapé, que sempre me incentivaram mais do que ninguém no meu cotidiano para eu conseguir todos os meus objetivos, pois sem eles este trabalho e muitos dos meus sonhos não se realizariam.

A todos os colegas do curso, pela companhia durante toda nossa trajetória, que juntos souberam respeitar nossas diferenças e buscar novas perspectivas de mudanças e autonomia dos povos indígenas.

Em especial, à minha família, que contribuiu me orientando sobre as nossas práticas e regras culturais e também me orientando sobre a minha vida futura que será o momento mais importante.

Agradeço também os consultores nativos, o senhor Valentim Iapire'i Tapirapé e Maria Mareapa Tapirapé de 64 anos; os dois são contadores das histórias e conhecedores das plantas medicinais que pelas suas informações contribuíram na realização de pesquisa, inclusive na elaboração desse projeto.

Não deixo de agradecer a FUNAI, que também contribuiu com a formação dos professores indígenas.

Especialmente, agradeço a minha esposa, Regiane Taipaxiri'i Tapirapé, que luta diariamente ao meu lado, transmitindo Fé, Amor, Alegria, Determinação, Paciência e Coragem, tornando os meus dias mais felizes com nossos filhos. Por toda caminhada que fizemos juntos até o dia de hoje e pelas próximas que virão.

Agradeço também, pela generosidade, meu orientador professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino, pela orientação e desenvolvimento do meu trabalho de conclusão.

Para finalizar, o meu agradecimento à Faculdade Intercultural Indígena da UNEMAT, pela oportunidade e a todos os professores e auxiliares indígenas que passaram conosco, colaborando com a nossa formação.

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade registrar as experiências dos anciões do povo *Apyãwa* (*Tapirapé*), para saber o processo de trabalho do cacique como membro da sua comunidade. Foram entrevistadas duas pessoas/anciãs da comunidade, que contribuíram com sua sabedoria referente ao tema deste trabalho. Também pretendo mostrar os diferentes materiais usados pelos caciques no dia a dia e nos rituais. Mostrar como eram preparadas as atividades coletivas na comunidade e o que acontecia com aqueles que não obedecessem às demandas do cacique. Este trabalho ainda busca discutir o comando da aldeia pelo cacique e pelo pajé. Por fim, pretendo deixar este registro documentado e publicado na biblioteca da Escola Estadual Indígena "*Tapi'itãwa*" e disponibilizar para o uso da comunidade *Apyãwa*.

Palavras-chave: *Tapirapé*. Função do Cacique. *Apyãwa*. Pajé.

TE'OMARA MATA'YRIAWA

Epe te'omara ã aapa ywyrapepe ikwaxiãta inõga awãxewete xe'ẽga ropi xerexewe Apyãwa we, ikwaawakãta marygato raka'ẽ kapitãwa te'omara wyrã re gỹ re. A'era kwee Epegã apawo axe'egenop mokõj maragetã kwaapãra te'omara re. Akekwe epe te'omara pe ajxagakamatãt kapitãwa xemagatyroãwa xirowera taryjpe emimagy. Iexgakãta xerexewe wetepe marygato raka'ẽ mi kapitãwa imaxerekakato te'omara gỹ we maxirõ pe, akekwe marygato raka'ẽ mi kapitãwa ireka axe'ẽga mawiteãre'yma. A'erẽ ix'e'egenopa gỹ tãwa re kapitãwa, paxewera te'omaãwa re. Imamãpa xowe ekwe epe te'omara anõg xema'eãjpe gỹ we, axema'ema'e agỹ we emimagy ramõ.

Palavras-chave: *Tapirapé. Kapitãwa Te'omara. Apyãwa. Paxê.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ritual do Marakayja.....	15
Figura 2 – Meninas apyãwa enfeitadas participando de um ritual que alegra aos nossos espíritos.....	15
Figura 3 – Trabalho coletivo sob orientação do cacique Apyãwa.....	23
Figura 4 – Construção coletiva da Takãra sob o comando do cacique	24
Figura 5 - Caciques apyãwa usando os enfeites tradicionais.....	27
Figura 6 - Cacique apyãwa no ritual Ka’o.....	27
Figura 7 - Algumas formas de pagamento pelo trabalho do pajé	32
Figura 8 - Aves valiosas como pagamento pelo trabalho do pajé	33
Figura 9 - Objetos pagos como recompensa pelo trabalho do pajé atualmente.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	12
1.1. Sobre o povo Apyãwa.	12
1.2. Aspectos sociais e culturais do povo Apyãwa.....	13
1.3. Sobre a escolha do tema de pesquisa: aspectos metodológicos	16
1.4. Sobre a importância da pesquisa.....	16
1.5. Sobre os objetivos da pesquisa	17
CAPÍTULO II.....	18
2.1. Sobre as entrevistas com os consultores nativos.....	18
2.1.1. Iypywiwe Apyãwa kapitãwa ramo xamageãwa komeãwa	18
2.1.2. ‘Kapitãwa te’omara gỹ re maxirõ pe’	20
2.1.3. Kapitãwa te’omara paxewera nẽ gỹ re	24
CAPÍTULO III.....	26
3.1 Sobre os tipos de materiais utilizados pelo cacique diariamente e durante os rituais.....	26
3.2 De quem era o papel de maior liderança na aldeia, do cacique ou do pajé.	28
3.3 As consequências da desobediência às normas estabelecidas pelo cacique.	29
3.4 Sobre o trabalho do cacique na atualidade.....	30
3.5 Sobre o trabalho do pajé na atualidade.....	31
3.6 Reflexão	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36
CONSULTORES NATIVOS.....	36

INTRODUÇÃO

O tema que escolhi sobre a formação do cacique Tapirapé não é só do meu interesse, mas de todos os membros da comunidade que também se preocupam com a valorização do trabalho do cacique dentro da cultura. A maioria dos anciões fala e conta que o trabalho do cacique não era do jeito mais moderno que se verifica hoje. Dessa forma, escutando tudo aquilo que os anciões falam e reclamam do cacique, me motivou mais para que eu pudesse saber como era esse papel com a comunidade tanto no dia a dia quanto em ocasiões como nos rituais, nos dias festivos e nas atividades coletivas. E falando do cacique ele sempre teve o seu vice para trabalhar junto com a sua comunidade.

Atualmente sempre se escuta essa reclamação e comparação do trabalho do cacique antigamente e aquele mais atual, pelos anciões. Então, em relação a isso realizei essa pesquisa com esse tema, para saber a relevância do cacique para os membros da comunidade na cultura Apyãwa.

Também os anciões falam que não assumiam como cacique qualquer pessoa. Segundo eles, tem uma regra para a entrada da pessoa como cacique da aldeia. Então tudo aquilo que os anciões falam e contam para nós, mas não contam para os outros. Por isso me interessei em desenvolver esse tema para que um dia eu possa contribuir com a minha comunidade para incentivar os nossos membros a valorizarem o cacique.

Nessa pesquisa também foi narrado pelos anciões como o cacique se comportava com seu povo e como ele era tratado pelo mesmo.

E para finalizar quero dizer que nesse primeiro capítulo apresento informações gerais sobre o meu povo Apyãwa.

CAPÍTULO I

Trato neste capítulo de apresentar um histórico do povo Apyãwa, bem como trago informações mais recentes sobre a população e localização atual do meu povo.

1.1. Sobre o povo Apyãwa.

O meu povo chamava-se Apyãwa e a sociedade não indígena escutou errado esse nome e acabou chamando de Tapirapé. Então, o povo Apyãwa fala uma língua do mesmo nome que pertence à família linguística Tupi-Guarani do Tronco linguístico Tupi.

Nós, do povo Apyãwa, andávamos em várias regiões do norte de Mato Grosso e Pará. Segundo os antigos, nós íamos ao Pará até onde é a região hoje conhecida como Conceição do Araguaia. Nessa região havia várias aldeias Tapirapé como por exemplo, Ami'atãwa, Takarookywera, Kanine'ytãwa, Ywaopetãwa, Ipirakwarootãwa, Okoytãwa, Xanypatãwa, Xeke'atãwa, Ykyrytãwa e outros mais. Então, essas aldeias que ocupava a região do Urubu Branco até o sul do Pará, somando um total de mais de 35 aldeias e 1500 pessoas do povo Apyãwa. Com esse total de pessoas, os nossos antepassados viviam sempre felizes, fazendo as festas e as roças.

Segundo o estudo de antropólogo Baldus (1970), nosso povo veio do litoral em direção ao centro do país, para fugir da escravidão imposta pelos colonizadores europeus. Isso foi uma forma de resistência, e o pesquisador afirma que a origem do litoral é comprovada pela existência em vocabulário da palavra Paranyxigoo que significa Mar e isso reforça essa hipótese.

O modo de construir as aldeias era sempre em forma de círculo e no meio tinha uma grande casa que é Takãra (casa dos homens), que tem até nos dias de hoje, que é onde os homens organizam as festas, reuniões, os trabalhos e também a grande casa servia para os homens descansarem após as atividades.

Depois que os não índios tiveram contato com o povo Apyãwa, foi levando as doenças nas aldeias para nós e o povo foi morrendo, porque não havia preparação para curar as novas doenças, então a população apyãwa reduziu cada vez mais seu número nesse processo. Foi um período muito difícil e de sofrimento para o povo Apyãwa. Havia também a grande interferência de pajé feiticeiro no agravamento das doenças aumentando, assim, o número de mortes. Um dos principais pajés que causou muitas mortes foi Koro'i, porque ele pegou uma das ervas mais

fortes que ele não poderia pegar, e, apesar de ser pajé, houve um erro de culinária, ou seja, as misturas de remédios não foram feitas corretamente e com isso causaram muitas mortes e ele foi o primeiro a morrer.

Na aldeia Tapi'itãwa, em 1947, houve um ataque pelos Kayapó denominados Mentuktire, causando a morte de três mulheres, Tamanaxowa, Amo'axowa e Eirowa. Também foram raptadas duas mulheres, Iparewao'i, Pawygoo e um menino, Wakore. Depois desse acontecimento, o povo Apyãwa dirigiu-se para a direção sul do território, rumo ao rio Tapirapé. Naquela época, o senhor Lúcio da Luz, que era conhecido pelos Tapirapé, esteve presente ajudando o povo a procurar os outros grupos de Tapirapé. Até que no ano de 1950, o restante da população num total de 48 pessoas, foi reunido por representantes do SPI na aldeia Tawyao. Essa aldeia mais tarde foi chamada de Orokotãwa. Então ali o povo recebeu tratamentos especiais da equipe do SPI e principalmente da equipe missionária que veio para ficar e cuidar da saúde do povo Apyãwa. As irmãzinhas de Jesus formaram aquela equipe que se tornou a salvadora do povo.

Enquanto isso, do território do nosso povo, Urubu Branco, os velhos nunca se esqueciam daquela área e por isso todo ano era visitado, porque deixaram muitas coisas como, as sepulturas dos parentes, lugares bons para plantações, taquari usado para as flechas e outros bens. Mas, na década 70, a região do Urubu Branco já estava bastante desmatada, o que preocupou mais ainda o povo Apyãwa. Então, por esse motivo, retomamos à área indígena Urubu Branco em 1993 e foi fundada a aldeia Tapi'itãwa no ano de 2000. Outras aldeias também foram criadas: Akara'ytãwa, Myryxitãwa, Tapiparanytãwa, Towajaatãwa e Wiraotãwa. Temos também a aldeia Majtyritãwa que fica na área indígena Tapirapé-Karajá, somando aproximadamente uma população de 800 pessoas, contando entre crianças e adultos. E sempre estamos ligados uma aldeia a outra. E essa área atualmente é localizada na área indígena Urubu Branco no município de Confresa-MT.

1.2. Aspectos sociais e culturais do povo Apyãwa

Então, com esse total de pessoas citado acima, o meu povo Tapirapé vive sempre feliz fazendo suas festas tradicionais, ocupando espaços para fazer suas roças para produção alimentícia e outras atividades. É um povo que se organiza e faz as suas atividades somente de forma coletiva, de acordo com a sua cultura. Um exemplo disso é a roça. Antigamente, a roça era uma atividade importante para a sobrevivência do povo Apyãwa. Desde muito tempo o povo

Apyãwa trabalhava com roça de toco conforme a tradição. O povo trabalhava nessa roça em comunidade, em família ou de forma individual. O solo é escolhido para determinada planta a ser plantada. A colheita dos produtos era feita em coletivo, na qual essas pessoas ganhavam cada um a sua parte. Com isso, as famílias Apyãwa se sustentavam e, além disso, esses produtos contribuíam como oferenda para seus rituais. Essas práticas vêm sendo feitas no tempo determinado. Dessa forma acreditamos que naquela época todos os homens faziam roças, participava no trabalho da roça familiar ou no trabalho da roça comunitária, onde produziam seus alimentos. Assim, iam produzindo seus produtos saudáveis para alimentar a família, porque dentro dos produtos plantados não tinha produtos químicos.

No tempo atual, essa prática vem acontecendo pouco na comunidade, porque no mundo atual cada vez mais está entrando coisas que são consideradas novas para o povo Apyãwa. Por causa dessa interferência de fora que os homens Apyãwa estão se afastando da sua prática tradicional de produção. Com isso algumas pessoas não estão interessadas em fazer roça de toco. Além disso, estão abandonando o conhecimento que está junto com essa prática. Por isso, nos últimos anos, encontramos muitas dificuldades quando realizamos o ritual de Tawã (cara - grande), porque nesse ritual é consumido somente as carnes de caça, como queixada, além de banana e beiju de amendoim. Com a falta desses produtos, encontramos dificuldade para realizar o ritual Tawã. Com essa preocupação o grupo de Wyrã, Wyraxiga e Araxã decidiram trabalhar na roça de forma coletiva. Segundo o Wario “nunca viu esse tipo de organização do povo Apyãwa”. Wario considerou essa organização como uma nova experiência. Naquele momento ele destacou também na sua fala o trabalho de Maxirõ “trabalho comunitário do povo Apyãwa na roça”. Segundo ele, esse trabalho era um ritual, por isso nele os meninos viviam como awa’yao’i. Contou também que as mulheres levavam os alimentos para os seus maridos comerem. Afirma também que além de levar alimentos, elas levavam também tamakora, ma’yra, oroko para enfeitar os homens. Ainda contou que na Aldeia os novos awa’yao’i faziam disputa de corrida para demonstrar ao seu grupo a sua qualidade de ser grande atleta. Com isso cada um deles representava o seu grupo, disse ele.

Essa nova experiência entende-se como uma forma de sustentação da nossa cultura que ainda praticamos, onde os nossos alimentos tradicionais que são preparados para determinado ritual são fortalecidos. Por isso temos uma ligação muito forte com a natureza. Então, vejam alguns aspectos sociais e culturais do povo Apyãwa;

Nas imagens abaixo vemos momentos do ritual do Marakayja que é a festa do rapaz que comemoramos socialmente com a participação de toda a comunidade na qual o rapaz passa para uma fase adulta.

Figura 1 - Ritual do Marakayja



Fonte: Edimilson Kaxanapio Tapirapé, 2013

Figura 2 – Meninas apyãwa enfeitadas participando de um ritual que alegra aos nossos espíritos



Fonte: Edimilson Kaxanapio Tapirapé – 09/02/2013

1.3. Sobre a escolha do tema de pesquisa: aspectos metodológicos

No dia 23 de novembro de 2014, a partir das 08hs da manhã, houve uma reunião dos professores referente à escola onde teve a participação da comunidade e alunos. Nesta reunião, também, a princípio, apresentei o meu tema de pesquisa aos professores e comunidade. Logo após minha apresentação, pedi para que cada um falasse sobre o tema. Então, cada um falou da valorização e da importância do cacique para os membros da comunidade no sentido de organizar todas as atividades, tanto atividade individual quanto atividade coletiva e nos períodos de comemoração, ou seja, no período da festa e rituais como Tataopãwa e Xepaanogãwa. Então, a discussão foi muito boa porque os professores e a comunidade valorizaram e consideraram o tema que foi escolhido por mim até porque foi dito na discussão que é muito importante registrar e socializar as informações e que será feito para que possamos mostrar para que toda a sociedade conheça o nosso costume a nossa realidade. Os professores e a comunidade também falaram que tem que registrar todas as histórias do nosso povo Apyãwa para que a futura geração venha conhecer a nossa cultura na realidade. Pesquisei com o ancião da aldeia sobre os processos de trabalho do cacique na cultura. Fotografei e filmei o meu consultor nativo, gravei e transcrevi as entrevistas. Fiz entrevista com cacique atual e por fim sistematizei todas as informações obtidas através das entrevistas.

Então, finalizando a discussão sobre o tema, a comunidade mais uma vez agradeceu a instituição UNEMAT pelo bom trabalho que está fazendo com acadêmicos indígenas, dando a oportunidade de registrar suas culturas e pelo bom ensinamento, onde os professores indígenas aprendem muitas coisas e saem da faculdade com a visão ampla referente ao mundo de seu povo.

1.4. Sobre a importância da pesquisa

Escolhi este tema porque para o povo Tapirapé o cacique tem um papel de suma importância na valorização da cultura, inclusive na organização social da comunidade Apyãwa. Porque me preocupo muito, aliás, a minha comunidade se preocupa muito com a valorização do cacique dentro da cultura. Porque a maioria dos anciões fala e conta que o trabalho do cacique não é mais do jeito de antigamente. Pois então, eu escutando tudo aquilo que os anciões falam e reclamam do cacique, me motivou mais ainda para que eu pudesse fazer a pesquisa com esse tema, para saber como era esse papel do cacique na realidade, antigamente, com a

comunidade, tanto no dia a dia, quanto nos acontecimentos, nos rituais, nos dias festivos e nas atividades coletivas, para que um dia, se eu entrar como cacique, eu possa mostrar para minha comunidade o papel culturalmente e as responsabilidades que o cacique assume com a sua comunidade. E falando do cacique, ele sempre teve o seu vice para trabalhar junto com a sua comunidade. Então, atualmente sempre escuto essa reclamação e comparação do trabalho do cacique antigamente e o trabalho mais atual pelos anciões.

1.5. Sobre os objetivos da pesquisa

Esta pesquisa tem como finalidade registrar as experiências dos anciões do povo Tapirapé, para saber o processo de trabalho do cacique com seus membros da comunidade. Também entrevistei pelo menos duas pessoas/anciões da comunidade referente ao tema. Também pretendo mostrar os diferentes materiais usados pelos caciques no dia a dia e nos rituais. Mostrar como eram preparadas as atividades coletivas na comunidade e o que acontecia com aqueles que não obedeciam às demandas do cacique. Discutir o comando da aldeia pelo cacique e pelo pajé. Por fim, pretendo deixar o registro documentado e publicado na biblioteca da Escola Indígena Estadual Tapi'itãwa e disponibilizar para o uso acadêmico da comunidade.

CAPÍTULO II

2.1. Sobre as entrevistas com os consultores nativos

Para a realização deste trabalho de pesquisa, primeiro entrevistei dois anciões da minha comunidade que são contadores das histórias e mitos. Além de entrevistar, gravei a fala no celular e depois transcrevi em português. Abaixo seguem as entrevistas, inicialmente transcritas na minha língua e depois apresento também uma versão em português.

Apresento, então a entrevista realizada na aldeia Urubu Branco, no dia 04 e transcrita em 08 de abril de 2015, com a senhora Mareapa Tapirapé, minha mãe, aqui nesse trabalho, minha consultora nativa.

2.1.1. Iypywiwe Apyãwa kapitãwa ramo xamageãwa komeãwa

Ymỹ ro'õ raka'ẽ mi xanerowijawa gỹ ixamageakari kapitãwa ramõ ta'yri'i pe we. Axetana ro'õ raka'ẽ mi awaxa agỹ imapyxo'y xe irekawo kapitãwa ramo imagaakamatãta. Amaxekwaãp ro'õ raka'ẽ mi irekawo emanỹ. Kwewiwe ro'õ raka'ẽ mi imagatyrõ irekawo xerexemagatyãwa ramo imoõna xanypãwa pe, ipitopa oroko pe i'ãmamiryga. A'eramo ro'õ raka'ẽ mi ikwaãkwaãwi ota akawo marygato kapitãwa te'omara, marygato ekaeka, marygato gy re te'omaãwa maxirõ ramo ka pe, taryjpe, ataãkeramo aawo, pinapajta, xigy pe emanỹ. Axekwe ro'õ raka'ẽ emiwemiwera ikwaãkwaãwi akawo takãripe ewĩ eramo xanewe ityni xema'eãwa akoma'e ramo. Axetana xane akoma'e ramo raka'ẽ naximagyj myxo'y kotataĩ, koxamoko xe raka'ẽ mi amagy emigã. Kapitãwa ramõ akamatãra ma'e xe raka'ẽ mi amagy ta'yri'i pe xe ranõ. Axekwe ro'õ raka'ẽ mi konomi imapa'ẽ kawiope ranõ, inopyãkãta ireweeaxyga we, amagy ro'õ raka'ẽ mi temekwãra ranõ. Axetana ro'õ raka'ẽ mi na'oj akawo wyrawyrã, kwaxi. Emi'oete ro'õ raka'ẽ mi tato. Wereka ro'õ raka'ẽ mi apape wo'ywa kapitãwa papypiãra. Axetana raka'ẽ mi kapitãwa xe imagy emi ywyrapãra, o'ywa nẽ namagyj ro'õ raka'ẽ mi amotee konomiwera emigã. Emanỹ xepe ro'õ raka'ẽ mi ikwaãkwaãwi aawo akawo wowoho xaaxãp ma'ema'e. Kapitãwa ramõ ro'õ raka'ẽ mi ike ma'ema'e kwaapãwa ramo xe, a'egã ro'õ raka'ẽ mi aka tãwa, gỹ ata'ywa ramõ iapawo ma'ema'e.

Axekwe ro'õ raka'ẽ kapitãwa ramõ akama'e ikane'õ a'e ro'õ raka'ẽmi axe'eg amõwe erepy ane ete'omata xerexee ranõ axawo ã ro'õ raka'ẽ mi imanawo te'omara amotee pape ranõ. Emanỹ ro'õ raka'ẽ mi imaxapyro irekawo kapitãwa gỹ re te'omaãwa. ã raka'ẽ mi a'egã ate'omata akawo gỹ re ranõ. Kapitãwa ro'õ raka'ẽ mi axemaata'yp gỹ we akawo tarywa

apamatãta, ataãkeramo wyrã reraãwo, xigy pe emanỹ. Axekwe ro'õ raka'ẽ kwewiwe kapitãwa itori akawo axemoõna ka apape wo'ywa. Ymỹ raka'ẽ kapitãwa ika temimawiteãwa ramõ, axe'eg raka'ẽ mi ma'e iapaakamatãta awa'yawera gỹ we a'e raka'ẽ mi aapa ixope. Axekwe ro'õ raka'ẽ mi nakateei kapitãwa gy wi, ka ro'õ raka'ẽ mi ika ewiri.

Versão em língua portuguesa:

Como a pessoa era escolhida para ser cacique no início

‘Desde o início o nosso antepassado tinha o cacique nas aldeias, ou seja, na época não se chamava cacique nós chamávamos de Kapitãwa e não indígenas chamava de capitão que comandava as aldeias. Então, desde o início o povo Apyãwa colocava ou escolhia o cacique de acordo com a cultura, ou seja, a família que escolhia a criança para ser o futuro cacique na aldeia. Era desde pequeno que o povo Apyãwa escolhia a pessoa para ser o futuro liderança ou cacique. Mas, para ser uma grande liderança ou cacique a criança deve usar Myxo'ỹ, um tipo de tornozeleira feito com linha de algodão produzida ou fiada pelas mulheres apyãwa e todos os materiais usados para que a comunidade ficasse sabendo que essa criança será futuro cacique no dia que ele crescer. E esses materiais eram preparados por sua mãe para ele usar como, por exemplo, myxo'ỹ, maapy, jenipapo para se pintar, urucum para passar nos cabelos e também no seu corpo. A criança não ficava sem usar esses materiais, sempre ficava enfeitada e pintada com jenipapo no dia a dia de acordo com a cultura do povo. Também a criança sempre acompanhava o pai, avô e as demais pessoas sábias na Takãra (casa dos homens) para ter conhecimento e ter orientações dos sábios sobre a respeito das pessoas, modo de organização social, das festas tradicionais e todo processo de trabalho do cacique que poderá assumir futuramente. E acompanhando todos os processos de aprendizagem na Takãra a criança sabia de tudo sobre o papel e a responsabilidade do cacique com a comunidade, tanto nos rituais, nos dias festivos e nas atividades coletivas como por exemplo a pescaria com timbó, caçada coletiva, atividade coletiva na roça (mutirão), pescaria e até mesmo o modo de atuar vários rituais que faz parte do papel de liderança ou cacique, inclusive conhecer um ritual que não permite a alegria denominado “TEYJA KWAJTãWA”. Por isso, é muito importante a finalidade da Educação de uma liderança ou cacique, em termo de ensinar e aprendizagens para os formandos é cumprir as leis culturais que regem dentro da sociedade Apyãwa e não são permitidos o consumo de qualquer tipo de gêneros alimentícios. Existe certa qualidade de alimento que o formando pode consumir. Há uma regra na Educação do cacique ou liderança

com relação à vida social do povo Apyãwa, para que a pessoa seja responsável, digno e competente na vida social de seu próprio povo. Tudo isso a criança aprendia na Takãra juntamente com os mais velhos. Por isso a criança era bem preparada para assumir o trabalho com a comunidade. E a criança também usava temekwãra no seu lábio que é feito com osso fino do braço de macaco e é feito somente pelo homem.

Então, depois que a criança crescia e quando o velho cacique se cansava de trabalhar com o povo, entregava para o cacique que está pronto para mostrar o seu trabalho com a comunidade, onde ele reunia a comunidade para que todos soubessem que o novo cacique irá trabalhar com o povo enquanto ele irá descansá-lo. Dessa forma os caciques trabalhavam com a comunidade trocando tranquilamente de papel de acordo com a cultura, onde ele fica comandando a sua aldeia fazendo tudo que aprendeu do trabalho do cacique se pintando e usando todos os materiais do cacique no dia a dia. Então, essa era a maneira do povo Apyãwa se organizar para colocar o novo cacique. Foi essas informações que recebi do meu entrevistado em relação ao tema afirmando tudo que ela vem presenciando vendo a preparação da criança como ser cacique na aldeia. Lembrando ainda que, a transferência de cacique era de pai para filho ou para as pessoas mais próximas da família.

Entrevista realizada na aldeia Urubu Branco, com a senhora Mareapa Tapirapé, no dia 04 a 08 de abril de 2015.

2.1.2. ‘Kapitãwa te’omara gỹ re maxirõ pe’

‘Maxirõ pe te’omaãwa ã wetepe ranõ exanami ekwe akome’o amõ penope; TAKĀRA emĩ te’omara mõ maxirõ pe iapapyra. Kapitãwa ro’õ raka’ẽ mi axe’eg wyrã we pexe xiapa tarywa axawo ã ro’õ raka’ẽ mi a’era iapawo takãra. Epe ro’õ tarywa ypy. Iapapawirẽ xowe ro’õ raka’ẽ mi xaneypy agy ipari ota akawo takawyteripe ypytõnimo aparagetãwo, axe’ẽxe’ẽga marygato tekaãwa re. Ārimo xowe ro’õ raka’ẽ mi ixamanyyki takãripe axe’exe’ẽga mi marymarỹ akaãwa re, ewĩ ro’õ raka’ẽ mi akoma’ekwera ixepyto’aki aawo ate’omapawirẽ akwãpa. Epe ro’õ raka’ẽ mi kapitãwa ixexegỹ gỹ we ma’e apamatãta. A’eramo raka’ẽ mi ymỹ kapitãwa ite’omari xanereka ropi xe taryjpe, xigy pe, maxirõ pe te’omara iapãwo, exanami; ka apamatãta ro’õ raka’ẽ mi kapitãwa ixexegỹ wyrã we takawyteripe pexe xikapit axawo ã ro’õ raka’ẽ mi irate’omata wyrã irekawo ka re. A’e ro’õ raka’ẽ mi ã waty we aapaakãt kawĩ emi’o ramõ. Kapitãwa raty ro’õ raka’ẽ mi axemakapitãp akawo wetã gy we ranõ koxywera we. A’egy raka’e mi axemaata’yp axawerekawo wyrã we.

Axekwe ro'õ raka'ẽ mi emanỹ we ix'e'egi wyrã we kapitãwa ataãkeramo iraãmatãta ranõ. Pexemaxerekakato axawo ixope. Pexe xiapa o'ywa axawo wyrã we ã ikwaita kapitãwa o'ywa apaãwa a'erẽ ã iapawo o'ywa opa wyrã takãripe ranõ. Axekwe ro'õ raka'ẽ mi ka aawo wyrã ataãra ramõ. Axa'ak ro'õ raka'ẽ mi axawi wyraxiga, araxã. Mokõj ro'õ raka'ẽ mi ixemaatã'ywi awyrã we ranõ exanami; araxã ata'ywa ro'õ raka'ẽ mi ka, wyraxiga ro'õ raka'ẽ mi ka ranõ. Ma'e re xee'ym ro'õ raka'ẽ mi ixemaata'ywi axemakapitãpa axaope. A'e ro'õ raka'ẽ mi kapitãwa ã aka taipe iarõwo temiãra reroãwa. Irora ramõ xowe ro'õ raka'ẽ mi kapitãwa ipari ixope ikwaita. Emanỹ xepe ro'õ raka'ẽ mi kapitãwa ika ate'omata gy re. Axekwe ro'õ raka'ẽ mi kapitãwa nakaj axemagatyrõe'yma ranõ, kwe ro'õ raka'ẽ mi imagy akawo Oroko, Xanypãwa, Tamakorã, Maapy, Ma'yranemãja, Akygetãra mi kapitãwa remimagy. Nanõgakãri ro'õ raka'ẽ mi tãwa kirirĩ pe kapitãwa, taryjpe xe ro'õ raka'ẽ mi ika xaneypy agỹ, maryn akawo xe ro'õ raka'ẽ mi itowi xinyka pe.

Ymỹ ro'õ raka'ẽ kapitãwa xapykawe te tãipe xerexeka ropi, mi gy ma'ekato apaãwa re. A'e ro'õ ã ywãripe epewepewera axeratyryk akawo e'i kwee xewe xeremixe'egenowa.

Versão em língua portuguesa:

Trabalho coletivo do cacique com a comunidade

‘Há muitas atividades que o cacique apyãwa comanda coletivamente com a comunidade que eu posso a relatar agora. A primeira atividade é a *Takãra* (casa dos homens) que é um trabalho conjunto onde todos os homens participam das atividades da construção da casa no centro da aldeia. Para fazer esse trabalho coletivo, primeiro o cacique reúne alguns líderes mais sábios da comunidade para conversar, onde eles decidem para fazer festa tradicional, então, a partir daí eles começam a trabalhar com a construção da *Takãra* para fazer o início da festa. Porque a construção da *Takãra* significa o início da festa tradicional do povo *Apyãwa*. Então, a partir daí os homens começavam a trabalhar juntos com dois grupos maiores, ou seja, na cultura também temos dois grupos que chamamos de *Wyraxiga* e *Araxã* onde esses grupos faziam ou traziam os materiais para os seus grupos e também cada grupo fazia a sua parte. O grupo de *Wyraxiga* ficava com a parte de casa até no meio, assim como *Araxã* ficava com a outra parte. Então dessa forma os grupos trabalhavam de acordo com a cultura coletivamente mesmo sabendo que cada um trabalhava para o seu grupo. Essa atividade coletiva de construção da *Takãra* durava no máximo uma semana. Como já foi dito a cima que, na cultura *apyãwa* há

dois grupos grande denominado *Wyraxiga* e *Araxã*. Além disso, surge mais dois subgrupos na cultura ou na realização de construção da *Takãra* na atividade masculina *apyãwa* que são:

<i>WYRAXIGA</i>	<i>ARAXA</i>
<i>WYRAXIGIO</i>	<i>WARAKORA</i>
<i>WYRAONA</i>	<i>TARAWÉ</i>

Depois de terminar, o cacique sempre juntava os homens no pátio da *Takãra* (casa dos homens) ao anoitecer onde eles discutiam sobre a cultura de como melhorar a organização social até mesmo contar as histórias para os jovens também os homens descansavam na *Takãra* depois de suas atividades. Ali também o cacique falava para os homens fazer alguma coisa e os homens obedeciam à demanda dele. Então, por isso o cacique trabalhava com a comunidade de acordo com cultura fazendo o que a comunidade precisava fazendo festas tradicionais e muitas atividades coletivas como; o ritual do timbó, caçada e pescaria e trabalhos feitos em mutirão na roça. Então, para fazer todos esses trabalhos o cacique sempre contava com o apoio da comunidade inclusive na colaboração dos homens para fazer a roça enquanto as mulheres preparavam comidas para os seus maridos. A esposa do cacique também comandava as mulheres preparava para as atividades femininas fazia *Myxo 'y*, *Tamakorã* e outras atividades na casa da esposa do cacique. Porque a esposa do cacique é considerada também uma cacica para as mulheres. O cacique era muito respeitado pela comunidade assim como a esposa era respeitada. Então, juntos eles trabalhavam com a comunidade atendendo as necessidades do povo daquilo que precisa. E também a confecção da flecha é um trabalho conjunto pelos homens *apyãwa* essa atividade são feitos dentro da *Takãra* com a participação das crianças e jovens de acordo com a demanda do cacique. Depois disso os homens fazem a caçada coletiva no lugar distante onde pode ter muita caça. Enquanto os homens caçam e o cacique fica na aldeia à espera dos caçadores trazerem muita caça. Quando caçadores chegavam o primeiro a receber com o canto é cacique na *Takãra*. Então dessa forma o cacique trabalhava com a comunidade recebendo os caçadores quando a caça era feita coletivamente. Pôs o cacique não ficava sem se enfeitar com os enfeites sempre ficava se pintando com jenipapo passava urucum nos seus cabelos usava *Tamakorã*, *maapy*, *Ma'yranemãja*, *Akygetãra* (cocar) usado somente pelo cacique. Então, o cacique trabalhava dessa forma de acordo com a realidade da comunidade no costume. E atualmente o trabalho do cacique está se evoluindo muito modificando a forma de trabalhar do cacique culturalmente disse o entrevistado *Tapirapé*.

Agora, apresento a entrevista realizada na aldeia Urubu Branco, no dia 15 e transcrita em 17 de abril de 2015, com o senhor Valentim *Iapire'i Tapirapé*.

Figura 3 – Trabalho coletivo sob orientação do cacique Apyãwa



Fonte: Koxapao Tapirapé, 2016

Takãra é a casa dos homens que é feita em coletivamente onde todos participam das atividades. Vejam na imagem o trabalho do cacique com a comunidade. Na imagem acima podemos ver a realização de um trabalho social da comunidade apyãwa, na qual o cacique exerce o seu comando nas atividades. Os homens carregando folha de bacaba para construir a Takãra.

Já, na imagem abaixo, podemos ver a construção da Takãra que faz parte das atividades sociais na cultura apyãwa. E esta significa o início da festa tradicional. Nessa atividade social, cada grupo faz a parte da casa que pertence ao seu grupo, Wyraxiga e Araxã.

Figura 4 – Construção coletiva da Takãra sob o comando do cacique



Fonte: Koxapao Tapirapé, /2016

2.1.3. Kapitãwa te'omara paxewera nẽ gỹ re

Xeremixe'egenowa raka akome'o xewe nỹ; paxewera aparamamytopara ma'e agỹ ro'õ raka'ẽ mi ate'omat kapitãwa ne axawerekawo tãwa re ma'ekato gy we ma'ekato iapaakamatãta. Kapitãwa ro'õ raka'e mi aapaakãmatãt ma'e gy we a'e ro'õ raka'e mi gy amawite ranõ, awã ro'õ raka'e mi namawitei a'e ro'õ raka'e mi paxewera gy axokã. A'era ro'õ raka'e mi gy imawite kapitãwa xe'ega irekawo axokã wi akyyxewo. Paxera te'omara ro'õ raka'e emanỹ. Amawiteakat ro'õ raka'e mi a'egy kapitãwa xe'ega. A'era ro'õ raka'e mi ymỹ xaneypy agy ite'omakato akawo axamawitewo ma'e apaãwa re. Nakwãwi ro'õ raka'e marỹmarỹ, ate'omakato xe ro'õ raka'e mi kapitãwa gy re ranõ. Paxẽ te'omara ro'õ raka'e mi tãwa re maenyrãwa ranõ. Amaenyn ro'õ raka'e mi xemimi kera pe akawo paxẽ gỹ re. A'egỹ ro'õ raka'e mi ka Wereka ma'eaiwa wi irawãka. Paxẽ te'omara eramo ma'e paraxokã re ranõ, a'egỹ raka'e mi aekyi ixowi ma'eaiwa.

Versão em língua portuguesa:**O trabalho do cacique junto com os pajés na comunidade**

Então, de acordo com a nossa cultura *apyãwa* existiam dois tipos de pajés nos costumes tanto pajé curandeiros quanto pajés feiticeiros que faziam mal as pessoas. Então, esses pajés também trabalhavam juntos com o cacique sobre a comunidade para que o povo faça sempre algo correto. Porque o trabalho do cacique sempre vinha na parte da organização social da cultura na comunidade e enquanto os pajés comandavam as normas alimentícias assim como todas as regras que faz parte da cultura *apyãwa*. Por isso quando o cacique pedia alguma coisa para fazer ao seu povo era sempre obedecida pela comunidade porque se a pessoa não obedecesse à demanda do cacique era sempre castigado ou era executada a morte pelos pajés. Então, o povo *Apyãwa* sempre obedecia a demanda do cacique ficando com medo do castigo. O pior que o povo tem que respeitar a regra do consumo de alimentação que os pajés comandam. Porque tem alimentos que não é consumido pelas crianças, jovens, adultos, rapazinhos e gestantes. Então, cacique e os pajés trabalhavam juntos com a comunidade e com essa organização o povo *Apyãwa* ia bem porque não tinha nada de problemas na cultura. Também o cacique era sempre fortalecido pelo povo.

CAPÍTULO III

Neste capítulo, tratarei de apresentar uma discussão sobre as entrevistas realizadas com os dois consultores nativos, quando focalizamos os tipos de materiais utilizados pelo cacique.

3.1 Sobre os tipos de materiais utilizados pelo cacique diariamente e durante os rituais.

Segundo o consultor nativo, senhor Valentin, este afirma que, nos tempos antigos, o cacique usava todos os materiais dos enfeites da cultura diariamente, que alguns materiais eram preparados pela sua mulher como: tamakorã, que é uma material que o cacique usa nas suas pernas; maapy, que é um material do cacique usado no braço; xywaypyaramoro, também é um material braçal usado pelo cacique; xanyãwa, é uma fruta que é usada como tinta para se pintar; oroko, é uma tinta vermelha que passa nos cabelos e no corpo; pinape e tamakorãmapira enquanto o homem confecciona arco e flecha específico ao uso do cacique, capacete, cocá, e apykãwa para se sentar.

Todos esses materiais dos enfeites da cultura eram necessários para o uso do cacique diariamente. Ele era uma pessoa líder que dava exemplo ao seu povo Apyãwa e a comunidade também acompanhava e ficavam enfeitados e pintados com jenipapo. E esses enfeites também eram usados no período do ritual do povo Apyãwa. Agora, diariamente, o cacique usa somente jenipapo para se pintar, urucum para passar nos seus cabelos e arco e flecha, tamakorã e maapy os restos dos materiais era usados nos rituais. Então, são esses materiais dos enfeites da cultura usados pelo cacique apyãwa, assim como podemos observar a partir de imagem dos caciques que usavam esses materiais nos tempos passados. Essa imagem mostra que cada qual tem diferente materiais na mão.

Antigamente os caciques apyãwa usavam esses diferentes tipos de materiais tanto nos rituais quanto nos dias cotidianos, como podemos ver na imagem abaixo. Esses são os líderes de diferentes profissões como; cacique geral da comunidade, pajé e líder que comandava a confecção de flechas e caças.

Figura 5 - Caciques apyãwa usando os enfeites tradicionais



Fonte: Irmãzinha Genoveva, 1976

Na imagem abaixo, podemos ver o atual cacique, Carlos Kamairao Tapirapé, segurando arco e flecha após o ritual Ka'ó e é específico para o uso do cacique e com seus materiais usados nos rituais atualmente.

Figura 6 - Cacique apyãwa no ritual Ka'ó



Fonte: Edimilson Kaxanapio Tapirapé, 2008

3.2 De quem era o papel de maior liderança na aldeia, do cacique ou do pajé.

De acordo com a pesquisa realizada com pajé, o senhor Valentim Iapire'i Tapirapé, foi afirmado por ele que os líderes apenas dividiam as responsabilidades de acordo com a cultura apyãwa onde o cacique ficava ou trabalhava mais na questão da organização social da comunidade e então, nesse espaço, ele tinha um poder muito forte e que assumia todas as responsabilidades com seus membros. Então, as principais funções do cacique, atualmente, dizem respeito à administração de alguns bens da comunidade. Eles eram considerados bons líderes que atendiam os desejos da comunidade e que articulava o consenso geral. Segundo o estudo da antropóloga Alcida Rita Ramos, Doutora em Antropologia da Universidade de Brasília, 'um bom caçador, articulador ou pescador, um bom xamã, ou um bom administrador são "bons porque desenvolvem técnicas, cognitivas e sabedoria acima da média. Esse conhecimento, essa autoridade, enfim, é o que confere legitimidade ao exercício do poder'. (1999, p.67).

E, enquanto o pajé comandava na questão das normas da cultura e na espiritualidade, porque ele tem duas visões muito diferentes e amplas referentes ao outro mundo, ou seja, para os Apyãwa o pajé era um líder da comunidade bastante fundamental que se comunica com os espíritos através dos sonhos cosmologicamente, inclusive nos defende dos espíritos maus, que nos curam das doenças que a própria natureza nos faz mal de saúde. Ele ve nos sonhos os animais, aves, peixes, ervas medicinais como se fosse gente se comunicando com ele. Por isso o povo Apyãwa acredita e valoriza muito a vida dos animais, vegetais e sobrenaturais porque através deles os Apyãwa conseguem mostrar a sua cosmologia, adquirindo a maior parte da sua cultura e tradição.

Falando também das regras, o pajé controlava e comandava todas as normas de alimentação assim como todas as regras que fazem parte da cultura apyãwa, ou seja, na nossa cultura existem as regras para quaisquer alimentos consumidos como, por exemplo: quando a pessoa consumiu carne de caça não é permitido consumir peixe ou fruta depois que consumiu carne de caça, assim não faz mal para ele (a) ou então faz mal para o seu filho se o pai ou mãe da criança consome outro alimento. Por isso tem que consumir o mesmo alimento, isso é o caso do casal para o bem do seu filho que ainda fica se amamentando do leite do peito. Segundo exemplo, a mimakeka¹ não era permitida ser consumida pela menina porque se consumia não dava leite materno necessário para o seu filho/a para amamentar. Porque o pajé ficava de olhos

¹ Trata-se de um alimento feito a partir de peixe ou carne de caça que pode ser cozido em folha de bananeira. Corresponde à moqueca.

abertos nas pessoas, quando a pessoa não obedecia às regras era castigada por ele, fazia mal a comida para ele. Então, por este momento os Apyãwa respeitavam fortalecendo as regras dos nossos alimentos para valorização do nosso costume que é muito relevante na preservação da nossa cultura. Dessa forma, o pajé comandava as regras dentro da comunidade apyãwa. Então, na cultura não tinha de quem comandar mais as aldeias apenas dividiam as responsabilidades e trabalhavam juntos não tinha quem havia mais poder para ter comando na cultura, mas sim havia parceria na organização do povo e manter o costume, cultura viva. Apenas o pajé tinha uma visão cosmológica diferente que o povo não possuía conhecimento da maior parte, com relação aos mundos espirituais e sobrenaturais. Também o pajé sempre mantém contato com o mundo sobrenatural e com os donos das plantas e animais as quais utilizamos como; ervas medicinais, peixes, animais, aves, etc.

Segundo David Price, in Ramos (1995), “um bom líder deve ser capaz, sensato, ter iniciativa, ser trabalhador, ser grande e forte” para que ele possa enfrentar todos obstáculos atendendo os desejos do seu povo.

Essa era a organização da comunidade de acordo com a cultura apyãwa na conjunção de trabalho entre cacique e pajé.

3.3 As consequências da desobediência às normas estabelecidas pelo cacique.

De acordo com a entrevista feita com a senhora Mareapa Tapirapé, foi dito que nos tempos passados o cacique era muito respeitado pelos seus membros da comunidade e não tinha desrespeito entre pessoas. Porque eles temiam de outro líder que era o poderoso pajé. Tudo respeitava porque, se a pessoa não obedecia aquilo que o cacique mandava, era executado pelo pajé, ou seja, às vezes a pessoa era punida de acordo com a norma da cultura. Era uma regra que todos tinham que respeitar, até porque na época tinha pajés feiticeiros que faziam mal para as pessoas. Então, a entrevistada afirma que na época os pajés não pensavam duas vezes para punir as pessoas desobedientes, isso era a forma que os pajés achavam para controlar as normas da cultura. E atualmente não temos nenhum pajé com esses poderes de controlar. Por isso hoje o povo não tem mais ética pelo cacique que era bem respeitado pela sua comunidade. Por isso tudo mudou não só pelo trabalho do cacique inclusive o consumo de alimentos que as crianças não consumiam e hoje estão consumindo. Porque não tem mais pajé com forte poder que pode controlar essa regra de consumo.

Então, por isso hoje às vezes a demanda do cacique não é mais obedecida pelos jovens apyãwa. Mas na época os pajés não pensavam duas vezes, executava até a morte ou às vezes faziam mal as comidas para que ele possa aprender lição de respeitar e valorizar o patrimônio da comunidade que temos na cultura.

3.4 Sobre o trabalho do cacique na atualidade

De acordo com a evolução da cultura apyãwa o trabalho do cacique também foi modificado, muito devido ao comportamento dos membros da família ou até mesmo da comunidade aonde, com a entrada de muitas coisas que vem de fora para dentro da comunidade indígena, implica na nossa cultura, no nosso modo de se organizar, vem ocupando também alguns espaços educativos tradicionais. Então, com essa entrada, muitas coisas mudaram na cultura apyãwa, inclusive o trabalho do cacique não é mais do mesmo jeito de antigamente, tudo mudou. Porque o cacique atual quase não trabalha mais do jeito que a comunidade necessita ou espera e muitas vezes o povo reclama dele de não ter feito algo desejado, porque às vezes ele faz alguma coisa por conta própria sem ter comunicação com a comunidade. Também o cacique hoje não se pinta com jenipapo, não se enfeita mais com os enfeites da cultura diariamente, ele não sabe o canto que o cacique cantava para receber os caçadores e pescadores e dar boas-vindas aos grupos de Wyrã (pássaros). Então, como nós vimos anteriormente, o trabalho do cacique mudou muito porque o nosso líder cacique não faz mais esse papel da mesma responsabilidade que assumia nos tempos antigos com a comunidade. Então, devido com essa modificação da cultura, o trabalho e responsabilidade do cacique também mudou na questão de comportamento, inclusive na ética quase ele não possui mais da comunidade.

Segundo o cacique fala e afirma, *atualmente muitas coisas mudaram na questão da cultura, língua, organização social, costume, crença, rituais, danças e cantos, até mesmo o comportamento familiar ou membro da comunidade, e consumo alimentar. Então, tudo isso é importantíssimo para nossa cultura e eu como cacique nunca vou conseguir fazer e mostrar para comunidade o que era feito nos tempos antigos. Eu sou como uma geração atual como cacique e líder do povo tô fazendo possível para ajudar a nossa comunidade acreditar no meu trabalho, mas a comunidade não tá cooperando comigo eu tento ser forte só basta trabalharmos juntos para que possamos vencer os obstáculos que interfere a nossa caminhada.*

Falando também do meu trabalho tudo que aprendi com meu pai na questão de trabalho e responsabilidade estou fazendo na prática.

Agora, como foi falado anteriormente a minha avó também já tinha me contado que nos tempos passados o cacique sempre havia se pintado diariamente assim como a comunidade também se pintam porque a pintura era uma forma de se vestir por isso o povo se sentia tranquilo. Mas sempre trabalhei com o povo eu tento assumir o meu papel de líder trabalhando coletivamente com a comunidade sempre acompanhei o povo. Quero dizer também que preciso de muito apoio da comunidade para que possamos controlar um pouco os jovens das coisas que vem de fora para dentro só assim podemos valorizar o nosso trabalho juntos acreditando de tudo disse o cacique atual, senhor Kamairao Carlos Tapirapé.

Segundo o ex Cacique, o senhor Xywaeri Jose Pio Tapirapé, afirma também que mudaram muito porque atualmente a luta acontece somente nos documentos, então, por isso hoje temos caciques da nova geração para enfrentar, lutar contra os nossos adversários. Porque os antigos caciques não entendem a língua técnica do português. Por que no tempo deles não havia escola e ninguém estudava. Esta entrevista com o cacique Carlos Xario'i Tapirapé, foi realizada no dia 28 de abril de 2015.

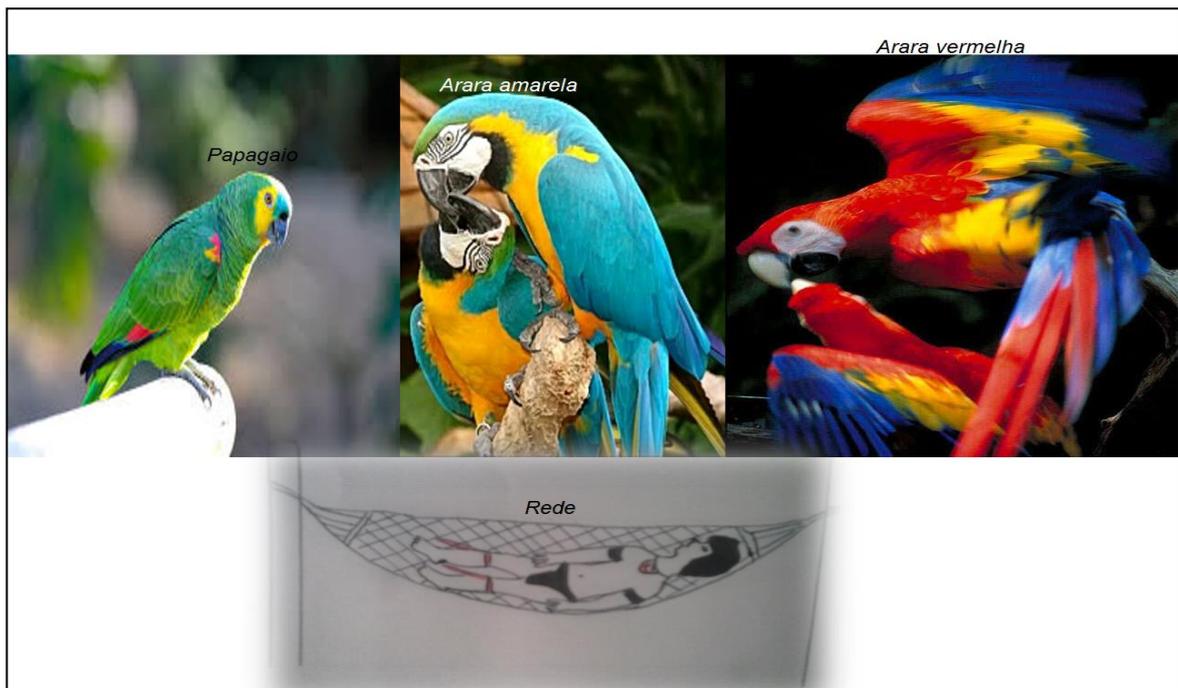
3.5 Sobre o trabalho do pajé na atualidade

Nos tempos atuais o trabalho dos pajés também mudou devido a extinção do pajé apyãwa, ou seja, atualmente não tem mais o verdadeiro pajé apyãwa mas sim dois pajés que aprenderam com as outras etnias, a maioria deles nos Kamayurá que se localizam no Xingu e nenhum deles tem os poderes para controlar a regra como no consumo de alimentos e as demais regras da cultura apyãwa. Até porque, hoje não temos pajé feiticeiro, mas se tivesse talvez causaria muita confusão porque hoje o povo Apyãwa não permite mais a morte das pessoas inocentes causada pelo pajé, senão ele também morre junto. Então, por isso a cultura também se modificou devido o comportamento do membro da comunidade apyãwa. Mas isso atualmente não muda quase nada em relação ao trabalho do pajé porque hoje nenhum pajé apyãwa faz mal as pessoas e sim procura somente a saúde da comunidade para que possamos viver felizes juntos.

Então, atualmente também o pajé trabalha para ele mesmo, e toda vez que trata as pessoas ele ganha alguma coisa em pagamento como; Televisão, Geladeira, Fogão, Telefone, Celular, Bicicleta, mas dependendo da situação do paciente, ou seja, se a pessoa doente tiver

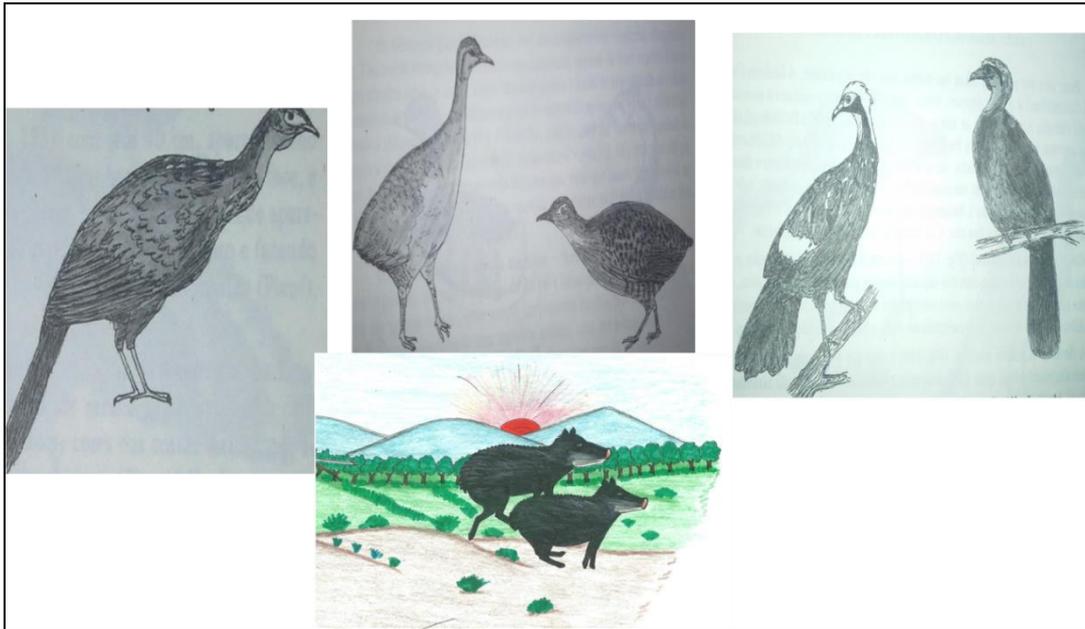
com a situação mais grave o pajé ganha essa tecnologia citado acima que tem mais validades e se não for grave ganha somente miçanga ou panela ou 50 reais. Antigamente pajé ganhava alguma coisa de caça, rede tradicional ou produtos da roça como pagamento como; Queixada, Cateto, Mutum, Jabuti, Jacu, Quati, Cará, Batata Doce, Banana, Mandioca, Amendoim, Milho, Melancia etc. Esse pagamento era se a doença do paciente não era grave, mas, se era gravemente doente o pajé recebia alguma coisa de valor como; arara vermelha, arara amarela, rede de dormir, algodão, enfim, esses na época eram muito valor na cultura apyãwa e hoje o pagamento dos pajés curandeiros também mudaram devido à entrada de muitas coisas da cidade que não é da nossa cultura. Então, o pajé trabalha dessa forma atualmente com a comunidade. Vemos, nas imagens abaixo, alguns pagamentos recebidos pelos pajés pelo trabalho feito com seus pacientes antigamente.

Figura 7 - Algumas formas de pagamento pelo trabalho do pajé



Antigamente, algumas espécies de animais eram consideradas muito valiosas na cultura do povo Apyãwa e eram ofertadas aos pajés como recompensa de trabalho prestado por ele. Por isso esse pagamento era recebido pelo pajé quando o paciente apresentasse alguma doença grave.

Figura 8 - Aves valiosas como pagamento pelo trabalho do pajé



Agora se a doença do paciente não fosse grave o pajé ganhava esses que mostramos nas imagens acima (caças ou produtos da roça).

Nos dias atuais, a recompensa pelo trabalho realizado pelo pajé, pode ser para com objetos que já veio da cultura do não índio. No entanto, atualmente esses objetos os pajés recebem como recompensa, ou seja, pelo tratamento feito ao paciente se a situação fosse grave.

Abaixo vemos imagens de objetos que atualmente os pajés recebem como recompensa pelo seu trabalho de cura das doenças.

Figura 9 - Objetos pagos como recompensa pelo trabalho do pajé atualmente



3.6 Reflexão

Todas essas informações coletadas a partir das entrevistas com meus consultores nativos ou bibliográficas, foram muito relevantes porque consideravelmente esse conhecimento reforça a nossa identidade étnica. Esse trabalho surgiu a partir da preocupação da comunidade apyãwa na qual fui desenvolvendo durante a pesquisa. Todas essas informações que os entrevistados me deram colaboraram muito com meu projeto de pesquisa para estar desenvolvendo a minha pesquisa. E esta pesquisa tem como finalidade registrar as experiências dos anciões do povo Apyãwa (Tapirapé), para saber o processo de trabalho do cacique como membro da sua comunidade. Também foram entrevistadas duas pessoas/anciãs da comunidade referente ao tema onde pretendo mostrar os diferentes materiais usados pelos caciques no seu cotidiano e nos rituais. Mostrar como eram preparadas as atividades coletivas na comunidade e o que acontecia com aqueles que não obedecessem às demandas do cacique. Discutir o comando da aldeia pelo cacique e pelo pajé. Enfim, pretendo deixar o registro documentado e publicado na biblioteca da Escola Indígena Estadual "Tapi'itãwa" e disponibilizar para o uso da comunidade apyãwa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois das entrevistas e a partir dos relatos dos consultores nativos podemos perceber que de fato há transformações no papel do cacique e lideranças na comunidade *apyãwa*. Dessa forma, a entrevistada afirmou para mim que tudo mudou devido a entrada de muitas coisas que vem de fora para dentro da comunidade *apyãwa*, como, por exemplo, a alimentação, hábitos diferentes entre outras.

O que percebemos, a partir das entrevistas e também da observação empírica na minha comunidade, é que essas novas informações e comportamentos do não índio, diferentes da nossa realidade, têm interferido consideravelmente na atuação do cacique e na comunidade em geral. Também nesse relato dos consultores nativos podemos perceber que o cacique cumpre esse papel a partir do que a comunidade decide em conjunto, ou seja, toda decisão surge a partir das discussões da comunidade juntamente com os líderes como pajé, líder do ritual, líder de caça e líder que comandava confecção de arcos e flechas. Então, daí o cacique só compre as decisões tomadas com a comunidade.

Dessa forma a cultura *apyãwa* segue funcionando.

REFERÊNCIAS

BALDUS, Herbert. **Tapirapé**: tribo tupi no Brasil Central. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades Indígenas**. 5. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1995.

CONSULTORES NATIVOS

CARLOS XARIO'I TAPIRAPÉ. Entrevista realizada com o consultor nativo, na aldeia *Tapi'itãwa*, área indígena Urubu Branco, no período vespertino do dia 28 de abril de 2015.

MARIA MAREAPA TAPIRAPÉ, 52 anos de idade, é contadora de histórias, conhecedora dos mitos e artes, é moradora da aldeia *Tapi'itãwa*, município de Confresa-MT. Entrevista realizada nos dias 04 a 08 de abril de 2015.

VALENTIM IAPIRE'I TAPIRAPÉ. Entrevista realizada com consultor nativo, na aldeia *Tapi'itãwa*, área indígena Urubu Branco, no dia 15 e transcrita em 17 de abril de 2015.